

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NA ESCOLA A PARTIR DO CORPO

Data de submissão: 20/07/2023

Data de aceite: 02/08/2023

Cinthia Lopes da Silva

Universidade Federal do Paraná (UFPR),
Departamento de Educação Física
Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5208944598940957>

Lucas de Andrade Carvalho

Prefeitura Municipal de Paulínia -
Secretaria de Educação - Creche
Ferdinando Viacava
Paulínia, SP
<http://lattes.cnpq.br/3629532099341851>

Andressa Roberta Vicentin

Prefeitura Municipal de Paulínia -
Secretaria de Educação - Creche
Ferdinando Viacava
Paulínia, SP

Milena Yanssen Gomes de Moura

Prefeitura Municipal de Paulínia -
Secretaria de Educação - Creche
Ferdinando Viacava
Paulínia, SP

Hosana Prado Tomaz

Prefeitura Municipal de Paulínia -
Secretaria de Educação - Creche
Ferdinando Viacava
Paulínia, SP

Daiana Iracema Machado Nunes

Prefeitura Municipal de Paulínia -
Secretaria de Educação - Creche
Ferdinando Viacava
Paulínia, SP

William Aparecido da Silva

Graduando na Universidade Federal
do Paraná (UFPR), Departamento de
Educação Física
Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/8436144060814010>

Michaela Camargo

Prefeitura Municipal de Curitiba,
Secretaria Municipal de Educação
Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/7740342422730456>

Letícia Silva Pereira

EEBM José Saturnino de Souza e Oliveira
EEB Manoel Cruz
Lages, Santa Catarina

Marco Aurélio Rodrigues Junior

Graduando na Universidade Federal
do Paraná (UFPR), Departamento de
Educação Física
Curitiba, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/2227591769164557>

Emerson Luís Velozo

Universidade Estadual do Centro-Oeste,

Gláucia Andreza Kronbauer

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Departamento de Educação Física, Câmpus Irati
Irati, Paraná
<http://lattes.cnpq.br/3052430705928103>

RESUMO: O corpo sempre foi um tema discutido em diferentes áreas do conhecimento. Na Educação Física esse tema ganha visibilidade principalmente após a publicação da obra “A Educação Física cuida do corpo e...’mente””, de João Paulo Subirá Medina, em 1982, quando o autor anuncia um corpo que é uma síntese do biológico, psicológico, cultural, social e político. Assim, falar sobre corpo na Educação Física remete-se a corpo que é uma construção e não um elemento dado, final, é um corpo continuamente inacabado e que expressa significados. Como os sujeitos das escolas experienciam as vivências a partir do corpo nos dias de hoje? Como podemos explicar essas vivências? Este trabalho tem como objetivo analisar três relatos de experiências escolares que têm como premissa a vivência corporal à luz de um referencial cultural. Como procedimentos metodológicos é feito o diálogo com a literatura procurando trabalhar autores clássicos e contemporâneos da Educação Física e que se fundamentam em um referencial cultural. Como resultados pode-se observar que os relatos apresentam diferentes experiências a partir do corpo realizadas pelas crianças e em dois deles, tendo envolvimento de adultos também. As experiências expressam o desafio, diversas emoções, diálogo intergeracional, assistência, vivência e montagem de uma coreografia de circo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Cultura, Escola, Sociedade.

ABSTRACT: The body has always been a topic discussed in different areas of knowledge. In Physical Education, this theme gains visibility mainly after the publication of the book “The Physical Education takes care of the body and...’mind/lie””, by João Paulo Subirá Medina, in 1983, when the author announces a body that is a synthesis of the biological, psychological, cultural, social and political. Thus, talking about the body in Physical Education refers to a body that is a construction and not a given, final element, it is a continuously unfinished body that expresses meanings. How do school subjects experience experiences from the body these days? How can we explain these experiences? This work aims to analyze three reports of school experiences that have as a premise the bodily experience from of cultural reference. As methodological procedures, a dialogue with the literature is carried out, seeking to work with classic and contemporary authors of Physical Education and who are fundamental in a cultural reference. As a result, it can be observed that the reports present different experiences from the body carried out by the children and in two of them, involving adults as well. The experiences express the challenge, different emotions, intergenerational dialogue, assistance, experience and assembly of a circus choreography.

KEYWORDS: Body, Culture, School, Society.

INTRODUÇÃO

Falar sobre o corpo envolve um debate sobre o biológico e o psicológico/cultural/social/político. No entanto, pensar as experiências corporais na escola nos remete a ir além deste debate iniciado no final da década de 1970 e que no início da década de 1980 tivemos a publicação do livro de Medina (1982), trazendo à tona uma discussão sobre o corpo para além da direção meramente biológica, mas incorporando aí os aspectos psicológico, culturais, sociais e políticos. Assim, pensar as experiências corporais é considerar esse conjunto, é olhar para o corpo de uma maneira mais humana e menos mecânica ou puramente biológica.

Ao dizer isso, não estamos excluindo a materialidade corporal a partir do aspecto biológico, mas compreendendo um corpo que ao ser uma síntese das nossas emoções, da cultura, da sociedade e das orientações políticas que regem a sociedade se materializa no corpo biológico. Essa unidade faz com que tenhamos atenção ao tratar do corpo pedagogicamente na escola, de identificar e ler seus sentidos e significados, como uma forma de compreender o outro, suas diferenças e particularidades.

Com essas considerações iniciais, temos como objetivo analisar três relatos de experiências escolares que têm como premissa a vivência corporal à luz de um referencial cultural. Como procedimentos metodológicos é feito o diálogo com a literatura, a partir de autores clássicos e contemporâneos da Antropologia Social e da Educação Física e que se fundamentam em um referencial cultural. Os relatos de experiência são produzidos por um graduando do curso de Educação Física de uma instituição pública do sul do Brasil que participou do Programa de Educação Tutorial (PET) e por professores que já atuam na Educação Básica. Fizemos o exercício de interpretar os relatos à luz da fundamentação teórica. Apresentamos a seguir os três relatos e, na sequência, os discutimos.

RESULTADOS

Relato de experiência 1

Para iniciar este relato vale destacar que a noção de experiência, aqui pretendida, estrutura-se a partir dos estudos de Benjamin (1985), nos quais o autor desenvolve a tese de que a experiência é aquilo que reverbera após a vivência, isto é, algo que foi tão significativo que se faz necessário ser contado, compartilhado e, no caso das crianças, implica ser revivido, ou seja, confere continuidade. Dito isto, não se pode perder de vista que a experiência na escola, construída com e pelas crianças, indubitavelmente, inscreve-se no corpo, haja vista que este é a materialidade do/a sujeito/a no mundo (LE BRETON, 2007).

Tomando como arrimo tais entendimentos, de experiência e corpo, objetiva-se relatar uma proposta educativa na qual a partir de práticas corporais diversas organizou-se e efetivou-se em uma unidade educativa municipal, localizada na periferia da cidade de

Curitiba, um sábado marcado pelo encontro de gerações, cuja temática norteadora era Dia da Família na Escola.

A referida escola atende as seguintes modalidades educativas: educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, turmas de educação integral em tempo ampliado, classe especial e sala de recursos multifuncionais. Os preparativos foram fundamentais para que a proposta tivesse o cunho da experiência e não apenas de mais uma vivência em sábado letivo. Para isso, a professora de Educação Física, juntamente com os/as residentes do Programa Residência Pedagógica - Educação Física UFPR, acadêmicos e acadêmicas da Prática de Ensino da Educação Física UFPR e bolsistas do PET Educação Física UFPR, organizou um planejamento focado na mobilização a interação das crianças com seus/suas familiares.

Ao total foram programadas 8 brincadeiras, estas que se estruturam com elementos das seguintes práticas corporais: *slackline*, muro de escalada, tênis de campo, ginástica/pirâmides humanas, chute a gol, circo, além de jogos cooperativos com bambolês e uma sala da conexão, na qual a proposta foi sensibilizar os sentidos com músicas, toques, olhares e muita conexão.

Não havia nada definido, a família escolhia em qual prática pretendia se inserir, logicamente há especificadas que definiram a escolha, como por exemplo o tempo de espera nas filas. Outrossim, as famílias receberam uma cartela para que após a realização de 5 práticas, cada uma assinada pelo/a respectivo/a professor/a, pudesse trocar a cartela por um diploma, simbólico, de participação no dia da Família na Escola.

Além de toda a organização prévia, é importante destacar a fundamental significância da construção do sentido para o evento, nas semanas que o antecedeu as crianças foram sensibilizadas para tudo o que aconteceria, em todas as aulas de Educação Física havia o cuidado em reforçar o convite e salientar a importância da presença, não pela frequência, mas pela possibilidade de diversão e interação que se pretendia.

Diante tal cuidado, quando o evento começou, foi surpreendente e emocionante a quantidade de pessoas na escola em um sábado pela manhã. Talvez pelo fato de não acontecer algo desta maneira desde o início do período pandêmico, o deleite ao observar a escola tomada de vida se fez presente.

Antes de iniciarmos efetivamente a proposta, um momento que tem se instituído uma cultura da escola, desta especialmente, o alongamento, dança maluca ou qualquer outro nome que seja, mas é o tempo no qual todos/as se espalham ocupando, verdadeiramente, um lugar de direito e assim dançam, se alongam, sorriem, se soltam e experimentam reviver a infância juntamente com suas crianças. Vale descartar que a imagem desse momento é um tanto quanto impactante, muita gente!

Na sequência as propostas educativas passam a serem realizadas e os corpos em interação vivenciam as mais diversas práticas corporais, um lugar no qual as crianças são as protagonistas, pois dominam com maior rigor os movimentos e técnicas requeridas,

neste caso são elas que ensinam, os papéis se invertem e deste modo é visível que nem sempre é o tamanho ou a idade que vai marcar quem sabe mais ou menos, isto porque a experiência é contextual, individual, portanto, muitas crianças têm maior experiência em dada prática corporal do que os/as adultos/as que as acompanham. Foi interessante e trazia certa boniteza observar as trocas, explicações, a forma de auxiliar, seja ela falada, nas explicações ou no coMtato¹ (CAMARGO, 2015), quando corpos se entendem sem a necessidade de palavras.

Foi um dia marcado por muitas emoções, na sala da conexão os relatos de família emocionadas, cujas lágrimas molhavam a pele e inscrevia no corpo uma lembrança de algo inesquecível e talvez inexplicável. Como pode a escola fazer isso, alguns perguntariam. Daqui nos questionamos, como pode a escola não fazer? Se educar e humanizar, há que ser na escola que vidas se encontrem para que corporalmente construam experiências que reverberam para além do espaço escolar.

Relato de experiência 2

O fazer-se docente, quando encarado como um processo contínuo e sem fim, pode ser repleto de visitas às memórias estudantis dos momentos onde se frequentava, o que chamamos hoje de Educação Básica: onde sentava-se na sala de aula, por quais conteúdos era mais atraído, como fora as relações com professores, professoras, colegas etc. Ocupar, agora, o lugar e o papel de professor em formação inicial na área da Educação Física, oferece outras lentes para a compreensão da instituição escolar. Perceber a diversidade de histórias, anseios e presenças materializadas nos corpos das crianças com as quais envolvemo-nos no processo de ensino-aprendizagem, pode ser também uma janela aberta para se observar na própria trajetória escolar e formativa. Mas não apenas isso. É possível também realizar recortes comparativos desses distintos tempos e espaços, captar diversas transformações, tanto na cultura escolar, quanto nos próprios corpos daqueles e daquelas que a produzem. Das mais variadas reflexões possíveis dessa relação passado-presente, busca-se com este relato apresentar uma experiência realizada em ambiente escolar, a partir do desenvolvimento do conteúdo das Práticas Corporais de Aventura (PCA), a partir do PET.

O Dia da Aventura na escola foi um evento construído em parceria entre a professora de Educação Física de uma escola da Rede Municipal de Curitiba, localizada na periferia da cidade, estudantes em formação inicial, membros do PET, do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e claro, as próprias crianças estudantes da escola referida, que desejaram e se envolveram intensamente com a experiência. Essa cooperação entre PET Educação Física UFPR e escola, estabelecida há alguns anos, já vinha realizando encontros que integravam turmas de quarto e quinto anos, e uma turma de classe especial, caracterizada, esta, por agrupar estudantes com dificuldades de

¹ A palavra “coMtato” é escrita desta forma porque refere-se ao “coMtato com cuidado”, ver Camargo (2015).

aprendizagem. Estes encontros foram pautados pela construção e compartilhamento de saberes e metodologias para o trabalho com as Práticas Corporais de Aventura na escola. Tal conteúdo encontra-se previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como uma das unidades temáticas a serem trabalhadas, e vem ganhando espaço nas aulas de Educação Física.

A proposta do Dia da Aventura foi oportunizar para as crianças das diversas turmas, experiências com modalidades como a escalada, o *slackline*, o skate, o montanhismo e o *parkour*. Para isso, mapeamos espaços externos da escola onde fosse possível realizar estas práticas, considerando, primeiramente, o fator segurança, visto que uma das características básicas das Práticas Corporais de Aventura, é o inevitável envolvimento com situações onde o risco está presente. Logo, foi de extrema importância para o grupo que preparou as atividades, aprender sobre a gestão dos riscos que cada modalidade apresenta, a fim de garantir a segurança de todos e todas. O chão da quadra foi ocupado pelos skates; no topo de uma das grades de alambrado em volta desta quadra foi instalado um ponto de ancoragem para realizar escalada; o bosque teve fitas de *slackline* esticadas entre as árvores, e o pátio teve sua estrutura ressignificada para a prática do *parkour*, além de receber uma barraca de acampamento montada para tratar uma parte da experiência do montanhismo. Organizamo-nos em duplas ou trio de petianos para ficar em cada uma das estações, e durante toda a tarde, crianças das diversas turmas puderam realizar as práticas; algumas delas tendo o primeiro contato corporal com algumas dessas modalidades. A escalada foi uma das mais visitadas. Talvez porque através dela as crianças puderam chegar em um lugar, ou uma altura da escola que não conheciam e também porque fazia parte do ritual vestir-se de equipamentos de segurança desconhecidos pela maioria, como mosquetões, cadeirinha de segurança, corda e capacete. Era a prática onde a percepção do risco, ainda que bem gerenciado, era aumentada.

O encantamento do Dia da Aventura na escola se deu numa mistura de medos, coragens, quedas, desejos pela vertigem, pela altura, pelo equilíbrio. Também nas situações de superação ou frustração frente aos obstáculos, nos apoios dados e recebidos entre as crianças e professoras, professores. Para além destas sensações e sentimentos que, inevitavelmente, marcaram os corpos que se dispuseram a tais experiências, para a formação de professores foi este também um momento ímpar, de assumirmos e lidarmos com responsabilidades dentro do espaço escolar, de planejamento coletivo, de aprendizagem, e de fortalecimento do vínculo entre universidade e escola.

Relato de experiência 3

A experiência aqui relatada, aconteceu em uma Creche, faixa etária esta que no município de Paulínia-SP, atende crianças de 4 meses a 4 anos e 11 meses, sendo a data de corte em 30 de março. A Creche Ferdinando Viacava, palco do projeto que relataremos, faz parte da rede pública daquele município, atendia à época cerca de 120 crianças, que

em geral, moram pelas redondezas do bairro Monte Alegre 1 e bairros adjacentes. O relato a seguir conta as experiências de um projeto realizado pelas Professoras Hosana Prado Tomaz e Milena Yanssen Gomes Moura no ano de 2019 com sua turma de Maternal 2C (M2C), com crianças na faixa etária entre 3 e 4 anos.

O projeto denominado “Circo”, teve a duração daquele ano letivo, e tinha as seguintes premissas, utilizar o circo, como meio para atingir os objetivos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo de Paulínia para a Educação Infantil. A partir da observação das crianças da turma do M2C, durante o primeiro mês de aula, as professoras perceberam um interesse das crianças em brincadeiras que demandam maior esforço físico, como: imitar animais, correr, pular, equilibrar e subir lugares altos, apesar de parecer algo comum para a faixa etária, entre 3 e 4 anos, neste caso, o interesse das crianças chamavam a atenção. Por ser um interesse comum às professoras e às crianças, pensaram que o tema circo se encaixaria bem para trabalhar com aquelas crianças.

A metodologia pedagógica foi pensada através de uma leitura não sistematizada porém, dialógica, de linhas pedagógicas que perpassam pelas utilizadas em escolas que adotam as metodologias Waldorf, Montessorianas e Construtivista (ESCOLA PRISMA, 2019; CICHOCKI, 2017; RAMAL, 2017). Entendendo desta forma, há pontos em comum que foram adotados durante o Projeto Circo, uma vez que a intenção é oportunizar ambientes, situações e materiais para a experimentação e exploração, fazendo pequenos ajustes nos elementos, ou por meio de intervenção verbal, na atuação das crianças.

A BNCC estabelece cinco campos de experiência fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Eles são: Eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaço, tempo, quantidades, relações e transformações. Acreditamos que o campo corpo, gestos e movimentos tenham maior relação com o presente intuito deste livro, não afirmamos ser o único, uma vez que como em Mauss (1974), pensamos ser através do corpo que o ser humano interage com a sociedade a sua volta, de tal maneira ser indissociável como sujeito.

As atividades propostas a partir do campo ressaltado, partiram da seguinte metodologia, quando se tratava de implementos a serem utilizados, como bolas, arcos, bancos, colchões, garrafas/pinos do boliche, bancos, cadeiras, tecidos. Os materiais eram fornecidos às crianças e lhes era proporcionado um momento de exploração, com o intuito de que as crianças, que antes haviam assistido a algum espetáculo circense ou a uma contação de história com o tema, procurassem fazer suas próprias experiências e descobertas relacionando o material ao tema. À medida que sentiam necessidade, as professoras faziam algumas provocações, a fim de explorar melhor o material, estimulando as crianças quanto a lateralidade, coordenação óculo-manual e ou pedal, equilíbrio, agilidade, força entre outras capacidades ou habilidades físicas que coubessem no momento.

O mesmo raciocínio metodológico era utilizado quando se tratava de espaços, como no parque, ou na quadra, nestes espaços existem brinquedos, escorregadores, pneus, balanços e túneis. As intervenções nestes locais, além de relacionadas aos usos, também permeavam o imaginário circense, como por exemplo “como será” que determinado personagem atuaria ali? O objetivo era desenvolver as capacidades e habilidades previstas no currículo.

O tema escolhido propiciou um ambiente extremamente favorável para que as crianças desenvolvessem o protagonismo através de um processo contínuo de aprendizagem, permitindo-lhes um maior conhecimento de todos os personagens do grande espetáculo que é o circo. Os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar atividades circenses de forma lúdica e prazerosa, estimulando e despertando o desejo de conhecer e valorizar o seu potencial dentro da arte do circo.

As relações com o circo, passaram a permear todas as brincadeiras da turma. Havia constantes estímulos sobre o tema como histórias, vídeos, músicas, atividades de artes e decoração da sala. Tudo isso motivava as crianças a mergulharem ainda mais no tema. Havia na turma crianças especiais, uma com Síndrome de Down e outra com suspeita de Pé torto congênito, suspeita, pois não havia diagnóstico. A exemplo do que Vigotski (2003) denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal, as crianças se inspiravam umas nas outras e também se ajudavam para superar desafios, auto-estimulados ou provocados pelas professoras.

O resultado mais profícuo e palpável foi a coreografia apresentada no final do ano aos pais. Nela, as crianças demonstraram, sobretudo, as habilidades adquiridas e aprimoradas ao longo do ano. Ali cada criança representou um personagem do circo, desde o mágico, palhaço, animais, trapezista. A coreografia foi montada a partir das atividades que as crianças já haviam manifestado interesse, o que resultou em ensaios muito divertidos e dinâmicos, e conseqüentemente, numa apresentação onde as crianças tinham o sentimento de pertencimento, uma vez que fazia sentido para elas cada movimento.

Por fim, a avaliação pedagógica do projeto, é que ele atingiu seus objetivos, se mostrou bastante enriquecedor no que se refere ao aprendizado dos alunos e para a experiência das professoras, que em meio aos desafios propostos e surgidos ao longo do ano de 2019, puderam desenvolver ainda mais também suas capacidades de ensino. Pensado como projeto, entendemos a necessidade de se fazer sentido aos envolvidos, ter início, meio e fim. Ficou evidente o seu êxito, e como um bom espetáculo deve ser, deixou um “gostinho de quero mais”.

DISCUSSÃO

Os relatos apresentados são exemplos de manifestações corporais de crianças em diferentes idades e, em duas delas, envolvendo também adultos, experienciar o corpo

como mencionado no relato 1 é uma forma de expressão das emoções, cultura, sociedade e da interrelação com diferentes gerações, como consta no relato. No relato 2, podemos perceber como as crianças se manifestam corporalmente diante das Práticas Corporais de Aventura, expressando principalmente as emoções integradas com a construção cultural dessas práticas que desafia os sujeitos a quererem realizar as práticas e, por fim, no relato 3, como o tema circo, assistido, experienciado e apresentado pelas crianças aos pais é constituído de elementos de uma antiga história que pressupõe a prática da ginástica e como é possível essa experiência corporal que tem como significados a ousadia, o riso, o desafio, o risco ser representadas por crianças pequenas.

As práticas corporais realizadas são elementos da cultura produzidos historicamente, constituindo-se em linguagens corporais específicas que requerem ensino na escola e, por sua vez, a experiência de aprendizado. De acordo com Mauss (2002) são técnicas corporais, construídas culturalmente, que expressam significados. Seu ensino pressupõe a experiência prévia dos estudantes, sendo colocados novos desafios para que essa experiência se amplie – no relato 1, podemos ver isso ao se compartilhar as experiências com outra geração, no relato 2, pela organização da prática corporal de aventura com vários elementos desafiadores dos estudantes e, no relato 3, a experiência do circo pela assistência, vivência e montagem da coreografia a ser apresentada aos pais.

Os três relatos demonstram oportunizar os estudantes a participarem de práticas corporais de forma protagonista e desafiadora. Onde, no relato 1 e 2 as crianças tiveram a liberdade de escolha ao decidir de quais atividades iriam participar. Já no relato 3 elas experimentaram as atividades, porém, ao fim a coreografia apresentada eram com as atividades que as crianças mostraram maior interesse. Considerando que o protagonismo em todas as etapas da Educação Básica é de fundamental importância para os estudantes, de acordo com a BNCC, ele enriquece desenvolvendo o autoconhecimento nas crianças, propiciando o senso de cidadania e pertencimento à sociedade, concebendo proatividade para resoluções de problemas, aperfeiçoando competências socioemocionais criando suporte e viabilização do Projeto de Vida dos estudante, proporcionando que o conhecimento e habilidades adquiridas por meio das práticas corporais de movimento transcendam a escola. Já quando se fala desafiador, tanto nas práticas corporais de aventura, quanto ao experimentar o circo, o desafio, aqui já mencionado, é evidenciado proporcionando o movimento de forma claramente coesa a experiência significativa, o qual gera um desconforto inicial - o desafio - e termina com o desenvolvimento da interação, do respeito, do senso de responsabilidade, do autoconhecimento e com o relaxamento e o prazer proporcionados tanto pela prática, como pela contemplação dos objetivos superados, através deste estímulo desafiador, transformando a experiência significativa em aprendizagem significativa, a qual é incorporada ao sujeito e acessada/utilizada pelo mesmo quando necessária.

Os relatos 1 e 2 mostram a articulação entre a escola e a universidade, a partir da

participação da comunidade escolar, bem como de estudantes de graduação, vinculados à programas como Residência Pedagógica, Programa de Educação Tutorial (PET), Prática de Ensino e outros. Em ambos os casos, trata-se da aproximação entre Educação Básica e o Ensino Superior por meio de programas que incentivam os alunos em formação inicial, bolsistas ou não, a imergirem no contexto escolar, aliando as suas ações pedagógicas com a reflexão teórico-metodológica necessária para a transformação do cenário educacional brasileiro. O relato 3 menciona que o evento foi organizado a partir da parceria entre duas professoras da creche, em um tipo de articulação necessária, sem a qual dificilmente se conseguiria organizar um projeto temático direcionado a cerca de 120 crianças. Isso destaca a importância da ação coletiva, da parceria entre os vários atores da comunidade escolar com o objetivo de propor experiências significativas aos alunos.

A escola se modifica, se transforma, se renova e os cursos de formação de professores não podem ficar alheios a esse processo, restritos à conhecimentos técnico-científicos que ignoram o fazer pedagógico e a realidade escolar. Ao mesmo tempo, também as áreas de conhecimento se transformam, repensam seus conceitos, reelaboram seus conteúdos, criam novas estratégias pedagógicas na intenção de ampliar o acesso dos alunos aos conhecimentos técnico-científicos por elas produzidos. Os relatos apresentados neste texto aproximam duas realidades distintas, mas que tem como objeto o conhecimento sistematizado sobre a cultura corporal, para a ampliação do diálogo entre a Universidade e a Educação Básica. Essa aproximação possibilita a constante discussão sobre o processo de formação dos professores e sua relação com a área de atuação, e contribui para aprimorar o fazer docente e, conseqüentemente, aumentar a qualidade da Educação Básica.

Dois dos relatos apresentados fazem referência à BNCC, documento que atualmente “define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento” (BRASIL, 2017, p. 7). A menção à BNCC, como base legitimadora dos temas/conteúdos tratados nos relatos 2 e 3, revela a importância dos documentos orientadores da educação escolar brasileira, bem como o seu papel político, de pautar os conhecimentos que deverão constituir o currículo escolar. Nos relatos em questão são tratados os conteúdos “práticas corporais de aventura” e “círculo”, nomeadamente citados como referências da BNCC. Para além dos temas/conteúdos, o relato 3 recorre à BNCC para tratar de 5 campos de experiências fundamentais para o desenvolvimento das crianças.

Ainda que objeto de muitas críticas (SILVA, 2018), no que se refere especificamente à Educação Física, a BNCC traz um importante avanço. Ao incluí-la na área de Linguagens, contribui para a desnaturalização das práticas corporais. A BNCC parte do princípio de que a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais como um “fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” (BRASIL, 2017, p. 211). Assim, supera a perspectiva de que o corpo e o movimento seriam

definidos pela biologia, possibilitando a apropriação e fruição da cultura corporal, que é diversa, de forma autônoma e consciente.

A partir dos relatos de experiências, nota-se a quão necessária é a Educação Física na contemporaneidade, visto que, esta área promove ações que fazem as relações humanas serem fortalecidas. Como a sociedade atual está vivendo uma era tecnológica, que vem afastando as pessoas dos contatos presenciais, torna-se cada vez mais necessário atividades de práticas corporais, que proporcione experiências mais profundas para os seres humanos.

No relato 1, nota-se o quão valioso um evento familiar pode ser na escola, ainda mais estando inserido em contexto de vulnerabilidade social, como é o caso da escola que foi realizada o evento. Durante o dia a dia, os membros das famílias dos alunos, costumam estar ocupados trabalhando ou em outros afazeres, o que acaba gerando a ausência de algumas relações que são importantes para o desenvolvimento pessoal e social das crianças. Ao produzir um evento destinado a família, a escola está promovendo vários benefícios e experiências na vida dos indivíduos, como: a troca de conhecimentos entre diferentes gerações, o fortalecimento de laços parentescos, a comunicação mais efetiva entre a escola e a família, a promoção de valores, o senso de coletividade e o desenvolvimento do respeito e da empatia.

A Educação Física possui diversos conteúdos para além dos esportes tradicionais que envolvem a bola, um outro conteúdo necessário de ser promovido e que durante o relato 2 foi comprovado sua potência e qualidade é o das Práticas Corporais de Aventura, que proporciona para os alunos momentos emocionantes de envolvem o corpo em situação de risco, diversos discentes experimentaram pela primeira vez atividades de aventura, o que gera o enriquecimento cultural do repertório de práticas corporais experimentado pelos alunos. Nota-se que vários benefícios foram promovidos com as práticas corporais de aventura, como: o desenvolvimento das habilidades motoras, o estímulo à superação e a autoconfiança, o incentivo a prática de outras modalidades esportivas, o divertimento e os aprendizados sobre segurança e responsabilidade.

As atividades circenses são muito antigas, entretanto sua presença no contexto escolar ainda é recente. No relato 3, nota-se o quão interessante foi a experiência de trabalhar esse conteúdo em uma creche, por meio das atividades, as crianças puderam experimentar uma prática corporal e artística, que pode desenvolver habilidades motoras, estimular a criatividade e a expressão artística, melhorar a consciência corporal, promover o trabalho em equipe, superar alguns desafios, estimular a concentração e reduzir o estresse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como objetivo analisar três relatos de experiências escolares que

tiveram como premissa as vivências corporais à luz de um referencial cultural. Pôde-se observar que os relatos apresentam diferentes experiências a partir do corpo realizadas pelas crianças e em dois deles, tendo envolvimento de adultos também. As experiências expressam o desafio, diversas emoções, diálogo intergeracional, assistência, vivência e montagem de uma coreografia de circo.

Os resultados reforçam que o corpo é uma síntese dos elementos biológicos, psicológicos, culturais, sociais e políticos, e as experiências vivenciadas são particulares das realidades onde elas se materializam. Os processos de ensino e aprendizagem das vivências corporais são fundamentais para que as crianças e jovens ampliem suas experiências e aprendam a explorar as possibilidades corporais, vivenciando diferentes emoções e produzindo cultura.

Outros estudos e experiências são fundamentais para que as reflexões aqui desenvolvidas sejam ampliadas e novos sentidos e significados expressos pelas práticas corporais possam ser discutidos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura** – volume 1. Série Obras Escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CAMARGO, M. **O encantamento pela docência na Educação Infantil: um estudo com acadêmicos de Educação Física do PIBID/CAPES-UFPR**. 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CICHOCKI, M. S. **É tempo de brincar: pedagogia Waldorf** - EDUCERE - XIII Congresso Nacional de Educação, 2017. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/66839158-E-tempo-de-brincar-pedagogia-waldorf.html> Acessado em: 30 de março de 2019.

ESCOLA PRISMA. **Diferenças Fundamentais entre o método Montessori e os Outros Métodos tradicionais de Ensino**. Disponível em: <https://escolaprisma.com.br/diferencas-entre-o-metodo-montessori-e-outros-tradicionais/#:~:text=O%20M%C3%A9todo%20Montessori%20como%20%C3%A9,corpo%2C%20intelig%C3%Aancia%20e%20vontade>. Acesso em: 30 de março de 2019.

LE BRETON, D. A sociologia do corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MAUSS, M. A noção de técnicas corporais. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo Cosacnaify, 2003.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo e...‘mente’**. Campinas, Sp: Papyrus, 1982.

PAULÍNIA. **Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia - Educação Infantil**. Secretaria Municipal de Educação, 2011.

RAMAL A. **Entenda a diferença entre os métodos escolares**. Portal G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/entenda-diferenca-entre-os-metodos-escolares.html>. Acesso em 30 de março de 2019.

SILVA, M. R. A BNCC da Reforma do Ensino Médio: o resgate de um empoeirado discurso. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-15, 2018.

VIGOSTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Cláudia Schilling - Porto Alegre: Artmed, 2003.